

## RESENHA

## A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

BOOK REVIEW: LA ESTRUCTURA DE LA PERSONA HUMANA

STEIN, Edith. La Estructura de La Persona Humana. Tradução de José Mardomingo. Introdução de Dra. L. Gelber. Madrid: Edição da Biblioteca de Autores Cristãos, 2002.

**Mariana Bar Kusano**

Mestranda em Ciências da Religião – PUC/SP

mkusano@hotmail.com

**Resumo:** Esta obra de Edith Stein faz parte de seus escritos de caráter pedagógico-anropológico e, sustentam uma reflexão acerca da pessoa humana em sua dimensão corpórea-psíquica e espiritual. A tese defendida por ela é de que a antropologia é o fundamento da pedagogia e, para isso, ela recorre a uma metafísica cristã que dê conta de responder o que é o homem em sua estrutura profunda. Seu método de investigação parte de uma descrição fenomenológica e, suas indagações, estabelecem um diálogo constante com as questões já elaboradas por Tomás de Aquino.

**Palavras-chave:** Antropologia, Pedagogia, Corpo, Alma, Espírito, Forma, Matéria.

**Abstract:** The following work by Edith Stein is one of her many writings with a pedagogic-anthropological character. Through them she studies the human person on its psycho-physical and spiritual dimensions. Her thesis is that the pedagogy's fundament is the anthropology; therefore she uses the Christian metaphysics to explain what man on its deepest structure is. Her research method begins on a phenomenological description and her questions duels constantly with the ideas developed by Thomas Aquinas.

**Key-words:** Anthropology, Pedagogy, Body, Soul, Spirit, Form, Material.

A produção literária de Edith Stein pode ser dividida em três períodos: o primeiro deles é caracterizado como o período fenomenológico que se estende desde sua tese de doutorado em Göttingen (1916) até sua conversão ao catolicismo em 1922; o segundo período, que vai de 1922 à sua passagem do Carmelo de Colônia ao Carmelo de Echt na Holanda (1938), concentra seus estudos de caráter pedagógico-antropológico; e por fim, de 1938 a 1942, Edith Stein produz os seus escritos eminentemente místicos no próprio Carmelo de Echt.

A obra em questão engloba o segundo período acima mencionado, no qual Edith Stein consegue a cátedra no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster, e no semestre de inverno do ano de 1933, ministra um curso cujo manuscrito fora publicado postumamente com o nome de *Der aufbau der menschlichen person*. A edição utilizada nesta resenha, no entanto, é uma tradução direta do original para o espanhol, cuidadosamente elaborada por José Mardomingo, intitulada *La Estructura de la Persona Humana*. A obra dispõe de aparelho crítico e possibilita a um maior número de leitores o contato com o pensamento de Edith Stein.

O livro traz uma reflexão sobre a teoria e a práxis pedagógica, cujo âmbito de atuação se estende para além de sua atividade específica, na medida em que pressupõe uma imagem de homem previamente constituída. A autora faz uma análise dessas imagens construídas e de seu correspondente usufruto na educação, através de uma avaliação crítica das concepções contemporâneas – o ideal humanista, a psicologia profunda, a filosofia da existência de Heidegger – que nos permite entrever os seus efeitos no processo de formação e suas implicações.

A partir disso, Edith Stein mostra que a ciência pedagógica ou a labor educativa não são independentes daquilo que às nutre. Há algo que sustenta toda atividade pedagógica e que corresponde ao seu fundamento: a antropologia. Todavia, não se trata de uma antropologia que siga o modelo das ciências naturais, pois esta é limitada apenas a caracterizações morfológico-descritivas ou explicações de ordem causal. É preciso, diz Edith Stein, uma antropologia que investigue o ser humano em todas as suas dimensões, que dê conta de sua individualidade e que ofereça critérios para atividade educativa no que concerne às estruturas supra-individuais como a raça e a humanidade. Pois é dessa

antropologia - filosófica que ela vai se ocupar na busca pela estrutura profunda do ser humano. No entanto, um estudo sério e profundo do ser, há de indagar sobre a relação que este ser finito e criado mantém com o ser infinito, e nesse sentido, a antropologia-filosófica há de recorrer a uma antropologia-teológica.

O método utilizado por Edith Stein é sistemático. Ela parte da observação das coisas mesmas, a partir de uma descrição fenomenológica. Suas indagações, em geral, não são inovadoras, mas refletem os problemas já elaborados por São Tomas. Percebe-se que Edith Stein, embora se deixando guiar pelos passos do mestre, ainda assim o fará numa espécie de revisão, através da perspectiva fenomenológica.

Com isso, ela retoma a problemática cosmológica de Tomas de Aquino, bem como toda a discussão a respeito da forma substancial, da matéria e do processo de individuação. Sua pergunta pela estrutura humana vai o tempo todo dialogar com a visão tomista de corpo, alma e espírito, tanto na dimensão dos homens, como em relação aos anjos e espíritos puros. A esse respeito, Edith Stein apresenta algumas divergências com São Tomas, sobretudo na tese defendida por ele acerca da natureza puramente formal dos anjos ou na defesa que ele faz sobre a matéria como princípio de individuação.

É neste contexto, portanto, que Edith Stein vai desenvolver sua concepção da estrutura humana. Em princípio, ela parte de uma descrição fenomenológica do mundo vegetal, animal e especificamente humano, visando os aspectos em comum entre os seres. A partir dos resultados obtidos, ela se vê diante da problemática conceitual entre espécies, indivíduos e suas inter-relações, que culmina com a pergunta pela origem das espécies. Posteriormente, tendo percorrido este caminho, submete os resultados a uma análise metafísica: a alma como forma e como espírito.

Edith Stein concebe o ser humano como uma pessoa livre e espiritual, dotada de corpo, alma e espírito que se mantêm juntos numa unidade substancial. O que difere a alma de um espírito puro é o fato dela ser um núcleo pessoal, núcleo do ser de uma estrutura espiritual-corporal. É essencial para a alma possuir um corpo, não no sentido de que nele esteja enraizada, mas por ser o lugar de onde ela extrai força para organizar as substâncias materiais que a integram.

Sua abordagem da pessoa humana evolui para uma visão do “eu” como pessoa livre e espiritual cuja vida se expressa em atos intencionais. O “eu” dispõe de uma responsabilidade intrínseca de poder e dever formar o *si mesmo*. Isto é, o homem, em sua configuração corporal-anímica, é matéria sujeita à formalização pela atividade do “eu”. Cabe dizer, em outras palavras, que o homem é o si mesmo que ele deve formar. E, é, sobretudo ao fato de ser dotado de uma alma espiritual – que se desprega em atos de pensar, sentir e querer - que o faz distante da fronteira com os outros seres.

O tema da liberdade, da vontade, dos valores e das motivações são examinados no interior dessa reflexão. No entanto, compreender o ser humano em sua estrutura pessoal e individual é compreender também, em que medida ele está determinado por seu ser social. Dessa maneira, o indivíduo humano é observado no interior de uma dinâmica de atos, relações, estruturas e tipos sociais, que apontam para um indivíduo imerso numa coletividade, e co-determinado em todo o seu ser corporal-anímico por ela.

Para Edith Stein, estudar o indivíduo humano isolado é uma pura abstração, na medida em que a vida em comum não se dá apenas por uma razão genética, mas por pertencer à própria condição humana. Condição esta, baseada num processo de desenvolvimento e configuração da pessoa, que – num contínuo atualizar-se - ocorre na simultaneidade com a ajuda de outros homens. Toda abordagem do tipo social, da comunidade e do povo, gira em torno deste eixo principal.

Porém, no que concerne a investigação sobre o destino do povo e do indivíduo inserido nesta grande comunidade, ela vai ainda mais a fundo, e chama a atenção para o fato de que acima de tudo está o criador e o reitor de todas as coisas. Tudo se deve a Ele. Tudo é vontade Dele. Por isso, ter responsabilidades com seu povo, assim como assumir determinados papéis sociais, são, de fato, tarefas do indivíduo mediante sua comunidade, mas não configuram o seu critério último de valor, que deve ser o de responder ou não à chamada de Deus.

Durante o texto, Edith Stein vai marcando as limitações do puro entendimento humano. A pergunta pelas origens - do mundo, do gênero, do indiví-

duo humano – permeia toda sua reflexão. Ela nota que mesmo recorrendo à experiência e à evidência filosófica, ainda assim lhe faltam critérios capazes de responder a questão: o que é o homem? É preciso que o entendimento humano encontre por si mesmo outra via de conhecimento, que para a autora, trata-se do conhecimento Revelado.

Tendo explicitado a estrutura da pessoa humana em suas diversas faces e dimensões – corpórea, psíquica e espiritual - Edith Stein vai recuperar a questão da pedagogia, a fim de estabelecer a maneira pela qual a Verdade Revelada sobre o homem deve orientar a tarefa educativa. Em última instância, ela apela para uma pedagogia que seja sustentada não apenas por uma fundamentação natural, mas também por uma fundamentação sobrenatural.

A missão do educador, portanto, sob essa perspectiva, será de agir como o instrumento através do qual Deus emprega a sua ação. Seu papel essencial será deixar que a Revelação o instrua, para que ele possa orientar o homem na sua salvação, mediante um contato espiritual vivo. E, a fim de ilustrar as idéias exploradas até então, Edith parte para um exemplo concreto, no qual ela estabelece uma comparação entre os atos pedagógicos e as verdades eucarísticas. Trata-se de uma relação, cuja ação eucarística participa da essência do ato pedagógico e que submete o educador a posição de cooperação com Deus.

Essa é a convicção pedagógica-antropológica visada por Edith Stein neste livro, no qual ela adiciona aos critérios da formação humana, os mistérios da fé católica, também vivenciados por ela enquanto filósofa e educadora.

*Recebido em outubro de 2007  
Aprovado em novembro de 2007*